

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

21 de setembro de 2024

### RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte III)

#### THE GOLDEN BOAT / 1990

*Um filme de Raúl Ruiz*

**Realização e Argumento:** Raúl Ruiz / **Montagem:** Sylvia Waliga / **Interpretação:** Michael Kirby, Federico Muchnik, Brett Alexander, Stephan Balint, Mary Hestand, Michael Stumm, Kate Valk / **Fotografia:** Maryse Alberti / **Som:** Piero Mura / **Música:** John Zorn / **Design de Produção:** Sermin Kardestuncer / **Direção de Arte:** Flavia Galupo

**Produtores:** James Schamus, Jordi Torrent / **Produtores associados:** Scott Macaulay, Dimitri de Clercq, Jacques de Clercq / **Cópia:** digital, a cores, com diálogos em inglês, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 87 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

\*\*

Na impossibilidade de apresentarmos a habitual folha de sala, reproduzimos a crítica publicada na revista *Variety* em setembro de 1990. Pelo facto, as nossas desculpas.

Pela primeira vez a trabalhar em inglês, o surrealista Raúl Ruiz criou uma desordenada paródia metafísica a partir das convenções dos filmes noir e de detetives de série B. Com um enredo um pouco mais estruturado do que o característico *pastiche* de Ruiz, THE GOLDEN BOAT ainda assim inverte a lógica narrativa e desafia alegremente a desconstrução.

Um óbvio pária comercial, THE GOLDEN BOAT é um filme de culto que deve encantar os cineastas e merece um lugar nos programas de festivais por todo o mundo.

Um assassino gigante, articulado e insano vagueia pelas ruas cheias de lixo do Lower East Side, em Manhattan. Gosta de esfaquear as suas vítimas no estômago e, para demonstrar a sua empatia e dor existencial, inflige feridas semelhantes em si próprio. Embora "sempre à beira da morte", o assassino é aparentemente vulnerável. Este "anjo negro perdido" de "Los Angeles" encontra um jovem crítico de rock/músico/filósofo. Juntos, embarcam numa série de aventuras alucinatórias, que funcionam como metáforas para uma procura divina. No universo Ruiziano, essa busca parece ser desnecessária. "Deus", diz uma personagem, "fala através dos jornais".

Assassino e discípulo juntam-se a vários personagens existenciais excêntricos: um porteiro de pensão, uma estrela de telenovelas mexicanas, o seu marido médico (que pode ou não ser filho do assassino) e a vizinha/namorada do crítico de rock.

Realidade, sonho e tempo fundem-se num *continuum* vertiginoso e distorcido. Ruiz parece sugerir que a redenção humana e a ressurreição espiritual sejam possíveis nos cenários mais desoladores. Nada disto é para ser levado demasiado a sério. O filme convida o público a descontraír e desfrutar, ou, como fizeram alguns na estreia mundial no Festival de Toronto, a ir-se embora.

Ruiz, um chileno radicado em Paris, beneficia do facto de trabalhar em inglês e em Nova Iorque. Embora seja uma inconfundível criação de Ruiz, THE GOLDEN BOAT apresenta uma vigorosa atmosfera contemporânea, ausente nas suas mais museológicas obras em francês. A montagem bizarra e a cinematografia sem adornos produzem imagens desconcertantes que evocam um universo alternativo distorcido.